



# Jornal O Cola

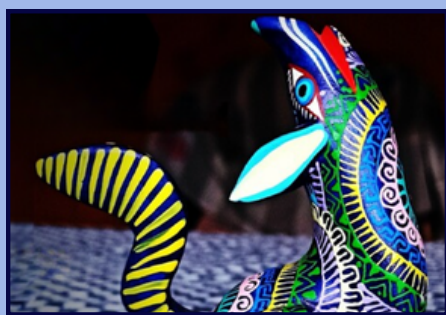
## De Letras Para Letras



### MODA DE AUTOR: UM ENSAIO SOBRE CIÊNCIA E ARTE p. 09

“Para além do abrigo biológico que é o corpo, existe também um refúgio psicológico, onde estão depositadas todas as nossas memórias. Essas memórias estão intimamente ligadas à nossa casa e aos nossos pertences físicos. Se somos forçados a deixar essas estruturas materiais, não é apenas a mente que se sente deslocada, mas também o nosso corpo que se sente em perigo.”

### AGENDA ACADÊMICA



“A exposição *Coiores de México* (...) celebra a riqueza da arte popular mexicana, marcada por influências indígenas, coloniais e mestiças, e pelo uso de cores vibrantes e temas culturais.”

### A Mudança na Percepção do Tempo, Uma Recensão Crítica p. 22

“No seu artigo, o autor foca a sua atenção nas diferentes formas de percepção e compreensão do tempo ao longo dos séculos, traçando, para esse efeito, a história da cronologia. Através de um texto em que o conteúdo e a forma estão em sintonia, uma vez que o texto é, em si, uma linha cronológica, o autor constrói o seu argumento de forma a que o leitor tenha uma visão clara da percepção temporal e cronológica que os diferentes povos foram adotando no tempo e no espaço.”



### A Baleia p. 25

“Algo em mim, ou algum furor biológico, obrigava-me a mergulhar, a aproximar-me sensorialmente daquele deus marinho, a ouvir as suas vocalizações, a ouvi-las chamar por alguém, avisar alguém, talvez até chamar por mim!”

# Top 5 Espaços Queer em Lisboa

## 1. FabuLez

FabuLez é uma comunidade criada por mulheres *queer* que tem como objetivo organizar eventos divertidos, acolhedores e seguros para pessoas LGBTQI+, incluindo noites de cinema, festas com microfones abertos, espetáculos de *drag* — é só escolher! Quer venhas com amigos ou procures conhecer novas pessoas que pensam como tu, este é o lugar para ti.

## 2. Drama Bar Lisboa

Este bar e espaço cultural *queer* situado perto do Martim Moniz é o local ideal para uma noite divertida com os teus amigos! Este bar organiza todo o tipo de eventos, de cineclubes *queer* e *drag nights* a festas musicais para celebrar músicos *queer* icónicos. É garantido que te vais divertir imenso. E se isso não for suficientemente apelativo, podes sempre simplesmente tomar uma bebida e comer um *snack* com os teus amigos!

## 3. ILGA

É impossível fazer uma lista de espaços *queer* em Lisboa sem mencionar a ILGA. Fundada nos anos 90, esta associação apoia pessoas LGBTQI+ e organiza uma variedade de eventos divertidos, incluindo noites de poesia, festas de dança e muito mais. Embora a sua localização (perto do Terreiro do Paço) seja pequena, é um ótimo lugar para conviver e conhecer pessoas *queer* de todas as idades e origens.

## 4. Fable Lisboa

Fundado em abril de 2023, este café-livraria no Príncipe Real é a fusão perfeita entre aconchego e diversão. Passa por lá para desfrutar de uma bebida e de uma refeição deliciosa com os teus amigos, e não te esqueças de percorrer a fantástica seleção literária em exposição no andar de baixo. Além disso, este local vibrante acolhe todo o tipo de eventos — de clubes de leitura, festas *pop-up* e horas de escrita a encontros exclusivamente *queer*. Por isso, se estás à procura de um lugar acolhedor ou simplesmente te encontras pela zona, não deixes de passar por aqui — não te vais arrepender!

## 5. Alma Veg

Estás à procura de um novo restaurante para partilhar uma refeição com alguém especial? Bem, não procures mais! Situado mesmo ao lado da estação de comboios de Carcavelos, este pequeno (mas memorável) espaço é propriedade de um casal gay que cria os mais deliciosos pratos *vegan*, sempre servidos com um sorriso e um pouco de conversa animada. Para além de ser o local perfeito para uma refeição calorosa e saudável — graças à comida, ao serviço e ao conforto —, também acolhe os teus animais de estimação e vende *merchandising*, cujos lucros revertem a favor de boas causas.

## Pai

Autoria: Eva Torres  
Edição: Catarina Casal  
Ilustração: Nobre Bastos

Nunca mais ouvi a tua voz...  
Esse som tão reconfortante  
que, apesar de distante,  
sempre me levava a casa  
num só instante.

Leva-me a uma tarde de verão  
na casa dos avós,  
estou contigo, mas nunca a sós.  
Um beijo na testa,  
e até festejo  
porque notaste que 'tava lá.  
mesmo que sempre o esteja.

Hoje, num dia cinzento,  
a conduzir numa estrada fria,  
desejo ficar ao relento  
para te ligar  
e, contigo sempre a reclamar,  
vires buscar-me  
e continuar sem dizer o que sentia.

Tenho-te, mas é mentira.  
Atendes-me, mas não queria.  
Porque só queria  
o beijo na testa,  
que, quando pequena,  
era a maior festa,  
mesmo que fosse por pena.



## Memorial da Boa Viagem

Autoria: Gabriel Goto  
Edição: Mariana Lameiro  
Ilustração: Nobre Bastos

No labirinto da memória, fecho os olhos para encontrar aquilo que quero dizer, as viagens que fiz sozinho, a minha peregrinação em busca de um deus que possa me guiar. Encontrei na Capela dos Ossos o destino do meu purgatório pessoal, que o Senhor dos Passos possa me fortalecer – as pernas, os olhos, o coração – pois a minha caminhada será eterna pelo vale das sombras. Quando estive em Sevilha, nas margens do rio Guadalquivir, numa madrugada eterna em que, desconectado do mundo, só me restava um caderno e uma caneta. Escrevi poemas, haicais e encarei a luz da cidade refletida na água. Se eu tivesse caminhado até à margem e entrado na água gelada de uma madrugada sempre quente na Andaluzia, ninguém o teria percebido. As dúzias de casais que namoravam na margem não teriam reparado em mim, como não repararam quando passei caminhando ao lado deles.

Como não sei nadar, teria encerrado o meu ciclo com uma paz inexplicável. Na vida há muitos dilemas que não aproveitamos da melhor maneira, e naquela madrugada, diante deste dilema mortal, eu escolhi viver. Não posso dizer que foi a melhor escolha porque se tivesse feito outra não faria realmente diferença na minha vida nem na vida dos outros, tampouco me importaria quando já não teria mais nada me incomodando.

Quando eu passo pelo Tejo, por vezes sinto que ele é maior que o oceano que me separa de onde eu cresci, e as eternas viagens no breu da noite me engolem como um monstro marinho. O quotidiano é uma fera que nos persegue. O rio, na sua imensidão, vira mar e me desafia a virar o homem que, na minha pequenez, tenho medo de me tornar.

Cada viagem me deixa mais forte. Por incrível que pareça, pensar em morrer alivia a própria vontade, como se fosse uma pequena dose planejada para me parar. No fim das contas, nenhum sofrimento é eterno. Nas ruas de Londres, na fria madrugada do fim do inverno, caminhar parecia muito mais fácil, porque era a única escolha que eu tinha e a cidade parecia muito menor em comparação a como ela é de dia. Não me senti sozinho, embora estivesse. Havia uma certa companhia no vento frio que batia contra o meu rosto, contra o carinho dos corvos que dormiam nas árvores e contra as raposas que se esgueiravam por entre os carros estacionados.

A próxima viagem eu não sei quando será, nem para onde. Tudo o que eu sei é que o mundo é grande demais, e isso já é motivação suficiente para continuar a viver. Escrever é uma consequência de estar vivo.



# Ícaro

Autoria: Catarina Pereira  
Edição: Lourenço Ramos  
Ilustração: Nobre Bastos

Serei eu mais do que Ícaro?

Ousado, forte, arrogante? Eu sei que não voei demasiado perto do Sol quando te olhei e quando observei os teus olhos cor de castanha assada. Os olhos que me olharam de volta bem por dentro. Os olhos que me observaram como uma pintura em exposição, retendo todos os detalhes da minha alma e do meu ser, e o abraçaram, com ternura.

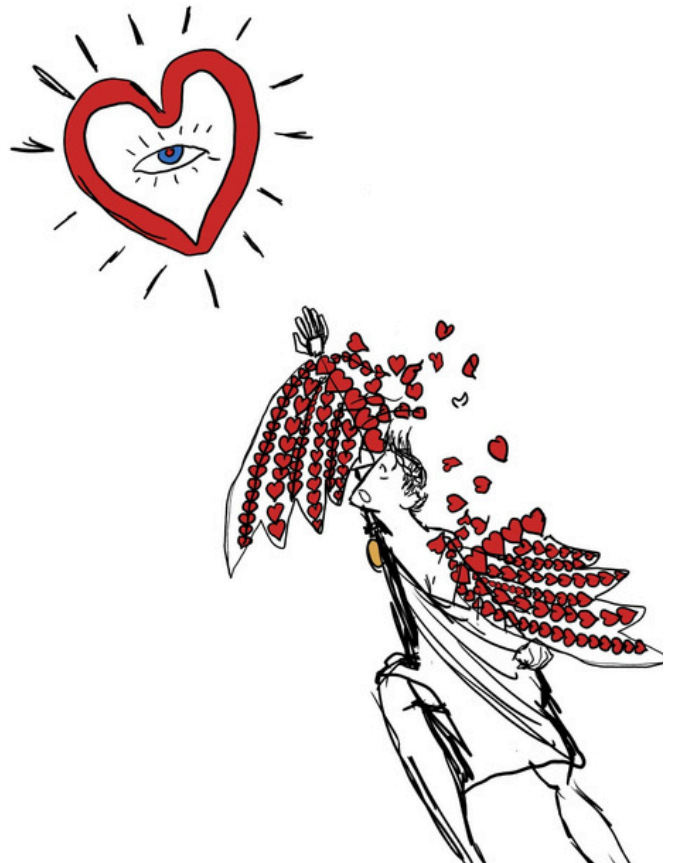
As minhas asas queimam ao teu toque escaldante. Deixando a cera quente de abelha derreter pela minha lombar, queimando-a e transformando-a em carne viva. Eu esperneio, permitindo que os meus braços esticados se debatam sobre as asas que se dissolvem. A dor aguda cobre-me o corpo, mas continuo a sentir prazer, pois, mesmo com as queimaduras e desconfortos sobre a minha pele delicada, é o teu toque que sinto. O teu toque intenso e reconfortante.

Deixaste-me completamente desarmada com as tuas palavrinhas mansas e com os teus olhares doces, agarrando nas minhas armas verbais e quebrando-as simplesmente com o teu carinho e amor, deixando-me aparvalhada com tamanha sinceridade. E aceitei.

Tanto aceitei que abracei. Abracei um carinho jamais sentido, juntamente com uma ternura demasiado doce para mim, mas que provei e saboreei como se fosse um pomo.

És demasiado doce para mim. Demasiado intenso com o teu carinho que tanto me assusta, mas que não consigo lutar contra, mesmo que quisesse.

Talvez não seja mais do que Ícaro.  
Mesmo com a minha arrogância, voei até ao Sol.  
E caí nos teus braços.



## Menina da Janela

Autoria: Joana N. Rijo  
Edição: Mariana Lameiro

A menina olhou e sorriu, não disse nada. A Lua tocava no seu cabelo e ela aceitava o sopro gélido da noite sem grande esforço. Estava, como já era costume, à janela a olhar aqueles que passavam. Absorviam a sua doce sensualidade e retorquiam com um sorriso cheio de vontade.

A noite nunca lhe sabe fria. Por mais geada que caia, a cama da menina está sempre quente. No fim, chora à janela, olha e sorri para o próximo que passa. Não tem forças para falar, mas isso não a atrapalha. É melhor assim.

As visitas sempre demoram mais quando há conversa.



### 5ª edição do ULISSES Project

As inscrições para a 5ª edição do projeto ULISSES (University of Lisbon Interdisciplinary Studies on Sustainable Environment and Seas) estão abertas até 15 de dezembro. Este projeto oferece aos alunos uma oportunidade única para aprofundarem o conhecimento dos desafios relacionados com os oceanos, promovendo soluções inovadoras para a sustentabilidade marítima e ambiental. O programa é gratuito, concede 6 ECTS e inclui mobilidade no âmbito do programa Erasmus+. Os estudantes da UE e dos países parceiros do Erasmus+ podem candidatar-se a bolsas de estudo nas suas universidades de origem para cobrir as despesas de mobilidade. O projeto ULISSES oferece a oportunidade de colaborar com especialistas de diferentes áreas, explorar soluções inovadoras e reforçar competências essenciais para a sustentabilidade global. Visita a página oficial do projeto ou participe nas sessões informativas nos dias 9 e 11 de dezembro.

## Apego

Autoria: Márcia Banora  
Edição: Ricardo Cerdeira

Houve uma lágrima  
no adeus que hesitaste,  
no meio de alegrias  
que d'um abraço prezava.

Houve, e haverá,  
enquanto o tempo for,  
a eternidade da tua mágoa.

Ninguém perdoará  
a tua verdade,  
mas terei  
esperanças d'uma rotina  
onde a tua ausência  
será desprezada.

E, que de mudanças,  
regresses ao meu conforto inocente  
e me abrace com saudade...

### Prémio Universidade de Lisboa 2023

Vítor Cardoso, físico teórico e astrofísico de renome mundial, recebeu o Prémio Universidade de Lisboa 2023 como reconhecimento pelo seu notável contributo para a ciência global. Professor no Instituto Superior Técnico e no Instituto Niels Bohr da Universidade de Copenhaga, fundou, em 2022, o Centro de Gravidade na Dinamarca. Recebeu 8 milhões de euros de financiamento para explorar questões teóricas e experimentais relacionadas com a gravitação, com foco nos buracos negros e nos aspetos quânticos da gravidade. Destacado pela sua liderança científica, Cardoso obteve três bolsas do Conselho Europeu de Investigação, incluindo 2 milhões de euros para o estudo de buracos negros, além de 5,3 milhões da fundação Villum Fonden, na Dinamarca, para avançar na investigação em física quântica e gravitação.



## Pensamentos Sentimentos

Autoria: Natacha Vieira  
Edição: Érica Macedo  
Ilustração: Nobre Bastos

Ser livre e se sentir livre — sou a haste da balança querendo pesar pro lado direito... Estimo meu livre-arbítrio; minha puberdade acabou ontem e, hoje, atingi a liberdade. Sou livre, mas a balança está quebrada. Sou livre, mas pouco me importa só ser: preciso sentir; ser ar, mas pesar e inchar de '*pensamentos sentimentos*'!

Procuro saber de mim e sentir tudo que sou — auto-entendimento facilmente camuflado de autoconfiança para quem ousar olhar de relâmpago; olho comum e desnudo de profundezas. Queremos saber de nós, sentir tudo o que somos. Buscamos intensidade, e intensos são nossos sentimentos. Mudarão a definição da palavra por nossa causa, eterna profundeza... Nosso olhar é treinado e não deixa escapar; queremos entender tudo em nossa volta: porquê cada sonho, pensamento, respiração e pulsação? Somos o tudo e a volta, e o peito bate forte.

Mudaram a definição no dicionário. Nosso sangue pulsa, nossos '*sentimentos pensamentos*' nunca conhecerão a despedida. Sentimos tudo! Compreendemos e somos como um grão de areia, porque o mar é desconhecido ainda; tão diferente de nós, areia infinita de composição fixa... Agora sim, somos ar e areia: leves e até o olhar relâmpago e desnudo captou nosso ser virado do avesso! Viramos e embolamos tanto os *pensamentos sentimentos* em busca de qualquer explicação — por quê não somos amados? Batemos na mesma pedra até todo nosso ser grudar no musgo verde-esperança do mar... Furou.

Verde-outras-chances, alguém sai da água! Será alguém p'ra me amar? Somos nós; avesso não existe mais, preso numa rede. Somos nós; infinitos como um grão de areia, húmidos. E o peito bate forte ao se deparar com a verdade: afinal, somos mar — vastos — desconhecidos e em constante movimento... Vamos para outra praia! Ninguém nos ama, mesmo? Procuremos alguém que queira ser amado, que nos aceite pesados e inchados! Desconheço leveza infinita e areia. Consertemos a balança!



## Moda de autor: Um ensaio sobre ciência e arte

Autoria: Lúcia Ferreira Pereira  
Edição: Ricardo Cerdeira

Na contemporaneidade, muitos profissionais da indústria da moda se afastam do uso de materiais têxteis comuns para materiais tecnológicos e experimentais. Este artigo vai abordar o trabalho das marcas *Chalayan e Anrealage*. E, em específico, analisar como as suas obras expandem os limites da confecção da roupa e do têxtil, ao incorporar aspetos arquitetónicos, luzes LED, tecidos tecnológicos e outras técnicas. O primeiro conjunto de peças a ser analisado faz parte da coleção “Afterwords” de Hussein Chalayan. Nascido no Chipre, em plena época de conflito entre as comunidades turca e grega, num ambiente social e político instável, Hussein Chalayan deixou o seu país natal quando era jovem. As suas memórias e experiências como refugiado de dupla nacionalidade (inglês e cipriota) influenciam o seu trabalho. O conjunto de peças a ser analisado trata-se de mobília — uma mesa e quatro cadeiras — que podem ser transformadas em artigos de roupa e acessórios. Nas imagens 1, 2 e 3, é possível observar o desfile de moda da coleção: as modelos retiram o revestimento das cadeiras, usando-os como vestidos.



[1] Chalayan. Ready-To-Wear Fall 2000. Vogue Runway.



[2] “Otherworldly Afterwords: Chalayan Fall 2000”. Ayerhs Magazine.

Depois, as próprias cadeiras podem ser utilizadas como malas. Mas a peça principal da coleção trata-se de uma mesa de madeira central, que se transforma numa saia a partir de um sistema de círculos que se encaixam entre si. Chalayan procura criar uma solução prática para um contexto no qual as pessoas são forçadas a evacuar as suas casas durante o tempo de guerra usando roupas como um meio de levar os seus pertences. Para além do abrigo biológico que é o corpo, existe também um refúgio psicológico, onde estão depositadas todas as nossas memórias. Essas memórias estão intimamente ligadas à nossa casa e aos nossos pertences físicos. Se somos forçados a deixar essas estruturas materiais, não é apenas a mente que se sente deslocada, mas também o nosso corpo, que se sente em perigo. Chalayan transforma o refugiado, observador passivo — vítima colateral da guerra política — dando-lhe a oportunidade de intervir e resgatar a sua identidade através dos pertences físicos.



[3] Quinn, Bradley. “A Note: Hussein Chalayan, Fashion and Technology”. *Fashion Theory*, 6:4, 359-368, 27 de abril, 2015.

“Before Minus Now”, de Chalayan, é outra coleção, feita anteriormente no ano 2000, que explora também o futuro da roupa ao apresentar vestidos que se movem sozinhos, a partir da tecnologia. Este projeto “evoluiu por meio da sua colaboração com um grupo de engenheiros arquitetónicos com sede em Londres” (Quinn, 2015). A imagem 4 demonstra o momento em que o *designer*

sobe à plataforma do desfile de exibição e insere um tubo na parte inferior do vestido. A vestimenta começa então a ganhar volume, dando a impressão de que o vestido se levanta sozinho, criando uma silhueta nova (imagem 5). Seguindo o tema da coleção, as forças da Natureza sobre



[4] Chalayan. Ready-To-Wear Spring 2000. Vogue Runway. [5] "Hussein Chalayan Timeline". Wordpress. 24 de junho, 2015.

as quais não temos controlo, Chalayan simula movimentos autónomos através de transformações no volume de vestidos. Na imagem 6 e 7 está presente um vestido "robótico", sendo que este é feito de plástico e que se move sozinho. Como pode ser observado na imagem, ao abrir-se, o vestido revela outro vestido, mas em tule. Este movimento visual, leva ao contraste entre os tecidos tradicionais e os feitos "robóticos" que se transformam autonomamente.



[6 & 7] "Interview Hussein Chalayan". DesignBoom.

Anos depois, em 2007, Chalayan explora a incorporação de luz LED na roupa. Esta coleção foi feita em colaboração com a empresa Swarovski, que, apesar de ser conhecida pelos seus diamantes, abraçou um

projeto futurista. Na imagem 8, são observados os diferentes vestidos LED, representando diferentes estações do ano. Chalayan volta a inovar tecnologicamente e a conectar a tecnologia com temas vindos da Natureza, relacionando a moda à ciência. O processo de confecção destes vestidos requer um trabalho longo, feito à mão, pois junta o tecido às luzes LED. A segunda marca a ser analisada denomina-se *Anrealage* e foi fundada por Kunihiro Morinaga. O nome da marca funde as palavras "a real unreal age" do inglês ("uma era irreal real"). Morinaga expande o potencial da produção têxtil no Japão, sendo o seu foco a utilização de tecidos tecnológicos feitos no seu país de origem. Em 2015, a coleção "Anrealage" exibiu vestidos brancos que, depois, eram cobertos por moldes negros com padrões e expostos a feixes de luz forte. Passados uns minutos, as modelos retiraram os moldes e exibiram "novos" vestidos com o negativo dos padrões. Foram utilizados tecidos brancos que mudam para a cor preta quando em contacto com uma luz específica. Mas, ao escolher desenhos de plantas (imagem 9) decorre uma ilusão de que o padrão se trata de uma sombra. Para além disso, os próprios moldes podem ser utilizados como acessórios extras ou até vestidos em si.



[8] "LED Dress by Hussein Chalayan in collaboration with Swarovski, Autumn/Winter 2007". Youtube. 2012. [9] "ANREALAGE ready-to-wear spring 2015". Vogue.

Em 2016, lançaram a coleção "Reflect". Apresenta vários vestidos, sapatos e acessórios de variadas cores que, ao serem fotografados com luz *flash*,

revelam padrões coloridos não só na fotografia, mas também no vestido. Na imagem 10 é possível ver o efeito no desfile de moda, que decorre em total escuridão, enquanto vários *flashes* são disparados em calças e malas brancas, que passam a ter um padrão xadrez. Os artigos de roupa envolvem o público, não só visualmente, mas também convidando-o a tirar fotografias.



[10] "ANREALAGE 2016 S/S COLLECTION -sound direction Ichiro Yamaguchi (サカナクション)" Youtube. FashionApp.com. 2010.

Leva também a novas perspectivas acerca do potencial da roupa e do seu envolvimento com o espaço em que se encontra, podendo, por exemplo, roupas com tecidos específicos serem utilizadas em eventos ou lugares com luzes específicas. O conceito de realidade virtual é abordado na coleção de 2017 com o tema "Silêncio". Peças de roupa pretas com uma estrutura geométrica são colocadas em frente a *tablets*, transformando-as — apenas no ecrã — em imagens com o movimento do mar e com som (imagem 11). A visão da roupa através do ecrã pode refletir a sociedade contemporânea e atrair uma audiência que usa as redes sociais, onde poderia partilhar a experiência do artigo de roupa.



[11] "ANREALAGE 2017 S/S COLLECTION "SILENCE"". Youtube. FashionApp.com. 2011

Como será o futuro da moda? Ambos os designers, Hussein Chalayan e Kunihiro Morinaga, abordam temas atuais que levantam reflexões sobre a Natureza, o têxtil e a sociedade contemporânea. Utilizando materiais inovadores na área da moda, expandem os limites do que é considerado roupa; e colaboram com cientistas, criando projetos interdisciplinares.

#### Referências:

1. Chalayan. Ready-To-Wear Fall 2000. Vogue Runway. <https://www.vogue.com/fashion-shows/fall-2000-ready-to-wear/chalayan>
2. Otherworldly Afterwords: Chalayan Fall 2000". Ayerhs Magazine. <https://ayerhsmagazine.com/2021/08/22/otherworldly-after-words-chalayan-fall-2000/>
3. Quinn, Bradley. "A Note: Hussein Chalayan, Fashion and Technology", Fashion Theory, 6:4, 359-368, 27 de abril, 2015.
4. Chalayan. Ready-To-Wear Spring 2000. Vogue Runway. <https://www.vogue.com/fashion-shows/spring-2000-ready-to-wear/chalayan/slideshow/collection#4>
5. "Hussein Chalayan Timeline". Wordpress. 24 de junho, 2015. <https://husseinchalayantimeline.wordpress.com/2015/06/24/before-minus-now-2000-ss/>
6. "Interview Hussein Chalayan". DesignBoom. <https://www.designboom.com/design/designboom-interview-hussein-chalayan/>
7. "LED Dress by Hussein Chalayan in collaboration with Swarovski, Autumn/Winter 2007". Youtube. 2012. [https://www.youtube.com/watch?v=c0IyDWm\\_bSo](https://www.youtube.com/watch?v=c0IyDWm_bSo)
8. "ANREALAGE ready-to-wear spring 2015". Vogue. <https://www.vogue.com/fashion-shows/spring-2015-ready-to-wear/anrealage>
9. "ANREALAGE 2016 S/S COLLECTION -sound direction Ichiro Yamaguchi (サカナクション)" Youtube. FashionApp.com. 2010. <https://www.youtube.com/watch?v=46lAeBosgdQ>
10. "ANREALAGE 2017 S/S COLLECTION "SILENCE"". Youtube. FashionApp.com. 2011. <https://www.youtube.com/watch?v=7eaaN5ACQUM&t=436s>

It is not that my heart does not wish to forgive — it does. It is my mind that cannot let it. I guess the heart can be mended easily but not the mind, as it cannot forget.

Oblivion would have helped me forgive you. Your regret would have saved me from the coldness that was brought back inside. Now I ask why care to warm my body, my soul, just to let them freeze to die? This heart that was once cold, then knew fire, it knew flame. In it, it used to spring; now it only rains. October has arrived, at last, I write us farewell. I do not wish to say goodbye to a friend but I believe my heart won't melt.

For half a year I tried to rest myself, maybe I thought it'd help. Inside this dwelling place, out of yours completely, I see your face and all the things you've been. I realize winter will soon begin. Oh, and how I'd love to lay out in the snow and become one with it! Melt away once a new spring comes to warm me. Well, let me melt until I am nothing! Until you cannot see or know me! Until I am reborn into a flower so poisonous it burns your sight, itches your skin, bleeds your nose so feverously you choke on its scent — addictive — and you swallow its bittersweetness.

But no, you should not worry. I will just be me, and you need not show me sympathy. For that should only be remorse, guilt, pity. I will lay here, you there, so far as the stars have written it so. I will not think of you, but you will think of me. I will not see you anywhere, but you shall see me in your tiles, hear me in your tunes, smell me in your linens, taste me in your kisses. I will have forgotten you while you'll still remember me.

I am now uncertain about the truth of something I believed in before. Oblivion might not have helped at all. I shall not be able to forgive you, but remember my heart ought to, the poor thing; it's my mind, my unkind, evil-natured mind, that won't ever let you win. Believe these words as you read them one by one and you shall never forget what we once were. As for me, with a new love, I shall burn, while you remain hostage of your own.

All these sound like the words of a song you could play; oh, but how they'd make your puny fingers break! No, you could never make a sound, for I know you've been ever so proud.

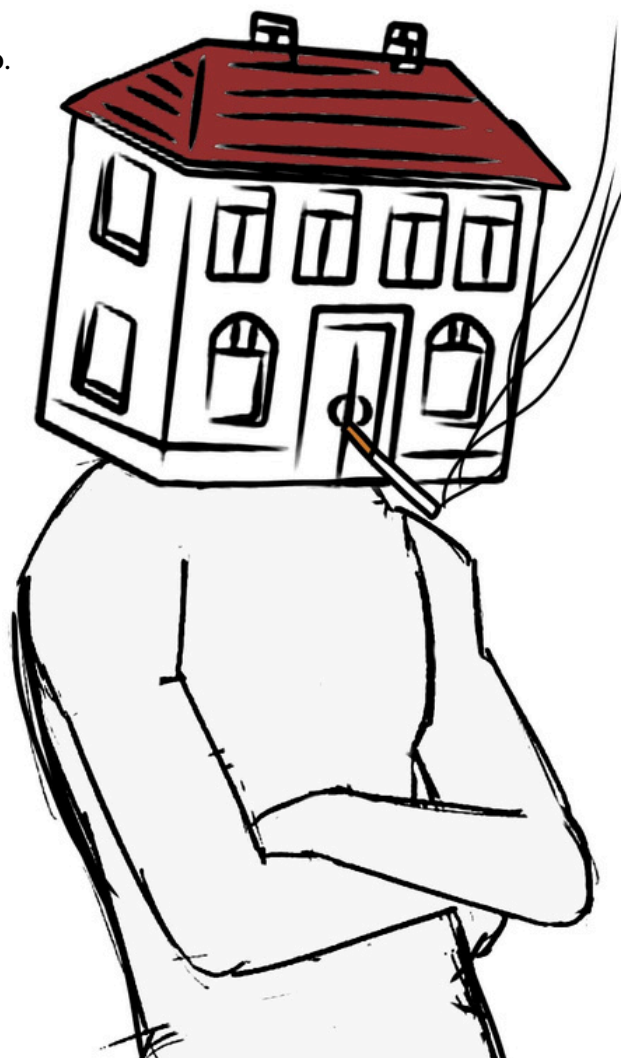
This is a song I wrote to you. Hear it carefully, then throw it in a pit! I beg you, make nothing else of it!

In the end, the very end, that is how Me and you shall live.

## Tenho Lar e Não Tenho Lugar

Autoria: Diana Colaço  
Edição: Catarina Casal  
Ilustração: Nobre Bastos

Tenho lar e não tenho lugar.  
Sou de tudo e não pertença a ninguém.  
Voo na cabeça e tenho os pés assentes no chão.  
Solto palavras e acolho-as também.  
Sou da terra e sou do mar,  
Do fogo e do ar.  
Rumino ao pensar e sigo a intuição.  
Oioço em silêncio e escuto em canção.



### UNITE! Seed Fund

O Unite! Seed Fund for Student Activities 2024 visa financiar projetos em qualquer área ou tema extracurricular que traga valor acrescentado aos alunos e promova a colaboração. Podem ser propostas atividades conjuntas como exposições, eventos, excursões, competições, *etc.*, no Metacampus, em áreas como inovação, desporto, carreira, línguas, educação, comunicação, divulgação ou qualquer outra ideia promissora. Com candidaturas abertas até 15 de dezembro de 2024, esta iniciativa oferece até 20 mil euros por projeto, com uma duração máxima de 18 meses (de abril de 2025 a setembro de 2026).



## O Nosso Último Adeus

Autoria: Ricardo Cerdeira  
Edição: Mariana Lameiro

Enquanto estou aqui, de coração pesado pelo imenso fardo da nossa iminente separação, sou dominado por uma complexa mistura de emoções. Uma dor agridoce corre pelas minhas veias, cada pulsação lembra-me do que estou prestes a perder. Tu, meu amorzinho querido, és muito mais do que apenas um parceiro. Em ti reconheço a minha inabalável âncora nestes mares tempestuosos, o meu confidente nos momentos de alegria e de tristeza e, sem dúvida, o maior e mais profundo dos meus amores ao longo destes anos formativos. Mas agora, enquanto estamos à beira dos nossos novos começos, enfrentando o amanhecer de um futuro incerto, sou confrontado com a dolorosa constatação de que te devo deixar para trás. A cruel realidade de te largar atormenta o meu interior e deixa-me a lutar contra uma dor que nunca antes senti. No entanto, apesar de cada fibra do meu ser gritar em protesto, sei que te devo deixar...

Cada gargalhada partilhada ecoa na minha memória, uma sinfonia de alegria que temo que se desvaneça com o tempo. Cada olhar do outro lado de algum lugar, repleto de palavras não ditas e promessas por cumprir, repete-se na minha mente como um precioso filme. Cada momento ternurento que vivemos, desde os toques mais suaves até aos abraços mais apaixonados, parece permanentemente gravado na própria essência do meu ser. Os corredores que uma vez percorremos de mãos dadas, os nossos dedos entrelaçados e corações batendo como um só, em breve ecoarão com a ausência assombrosa dos nossos passos. O esconderijo onde foi o nosso primeiro beijo permanecerá congelado no tempo. Ficará um monumento agridoce de o que uma vez foi uma testemunha silenciosa do amor que floresceu e agora se liberta.

Não quero nada mais do que me agarrar a ti com toda a minha força, congelar este momento no tempo e nunca te deixar escapar. Os meus braços doem para te puxar para perto, para sentir os contornos familiares do teu corpo contra o meu uma última vez. Mas no fundo, num lugar distante que mal estou pronto para reconhecer, sei que os nossos caminhos devem divergir para que possamos realmente crescer. Devemo-nos separar para explorar o vasto mundo além da nossa pequena existência e para nos tornarmos as pessoas que estamos destinados a ser. Sinto como se o meu coração estivesse a ser violentamente partido em dois, com uma metade a ansiar desesperadamente por ficar ao teu lado, agarrando-se ao conforto e ao amor que conhecemos. A outra metade, impulsionada pela ambição e pela promessa do futuro, a empurrar-me com força para um caminho incerto, uma jornada que devo empreender sozinho.

Enquanto nos preparamos para dizer o nosso último adeus, tento memorizar cada detalhe do teu rosto. Quero gravar na minha memória o tom exato dos teus olhos, a curva do teu sorriso, a maneira como a tua testa se franze quando estás imerso em pensamentos. Esforço-me para capturar o som melodioso dos teus risinhos, determinado a mantê-lo vivo na minha mente para os dias solitários que virão. Inclino-me no teu abraço, saboreando o calor do teu corpo contra o meu, tentando imprimir a sensação dos teus braços ao redor da minha própria alma. Estas memórias, estes preciosos fragmentos do nosso tempo juntos, levarei comigo como tesouros inestimáveis. Eles servirão como um lembrete constante do amor profundo que compartilhamos e da pessoa notável que desempenhou um papel tão fundamental em moldar quem sou hoje.

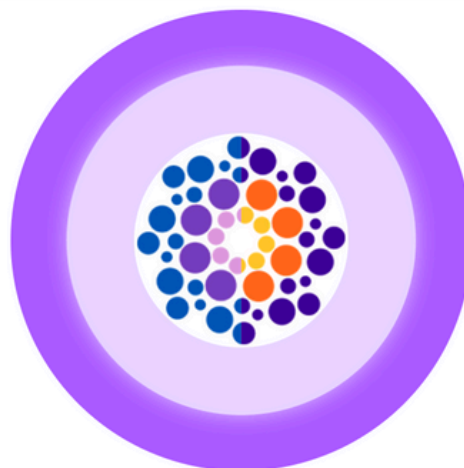
Embora o vasto preço da distância possa em breve nos separar fisicamente, quero que saibas, com absoluta certeza, que uma parte significativa do meu coração sempre e para sempre te pertencerá.

A nossa história de amor pode estar a encerrar o seu atual capítulo, fechando o livro da nossa adolescência partilhada, mas o impacto que tiveste na minha vida, a maneira como influenciaste o meu crescimento e a minha compreensão do amor, ressoará por toda a eternidade. As lições que aprendemos juntos, as experiências que partilhamos e o amor que nutrimos continuarão a moldar os nossos futuros, mesmo que caminhemos por estradas separadas. Adeus, meu amorzinho querido, meu confidente, meu melhor amigo. Que os nossos futuros sejam cheios de brilho, mesmo que nos levem em direções distantes. E ainda assim, nos recessos mais profundos do meu coração, não posso deixar de esperar que não seja assim. Não posso deixar de sonhar que, algum dia, de alguma forma, nos encontremos mais uma vez, de volta um para o outro, mais velhos, mais sábios, mas ainda apaixonados.

## Instituto Gulbenkian de Medicina Molecular (GIMM)

No dia 1 de outubro foi anunciada a criação do Instituto Gulbenkian de Medicina Molecular (GIMM), a fusão do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) e do Instituto de Medicina Molecular (iMM). Com o apoio da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL) e da ULS Santa Maria, garante meios financeiros e colaborações internacionais. A integração GIMM-FMUL-ULS é essencial pois, na FMUL, estão alojados programas de pós-graduação, reforçados pela investigação e prática médica na ULS.

Fonte: FMUL



# Agenda Académica

Queres envolver-te no espírito académico?

Nesta Agenda Académica, apresentamos-te alguns eventos que terão lugar na Universidade de Lisboa em que podes participar de forma gratuita.



## Música na ULisboa - Temporada 2024-2025

A Universidade de Lisboa já divulgou a programação dos concertos da Temporada 2024-2025 da iniciativa Música na Universidade de Lisboa, que decorrerá de novembro de 2024 a março de 2025. Com entrada livre (sujeita à lotação do espaço), o programa cultural visa aproximar a comunidade ULisboa e o público geral da vivência musical, apresentando um conjunto de concertos diversificados. A agenda de concertos pode ser consultada online, como, por exemplo, na página da Faculdade de Letras.

## XXXII Colóquio da AFIRSE Portugal

O XXXII Colóquio AFIRSE Portugal, subordinado ao tema Educação, Participação e Democracia - Contributos da Investigação, propõe-se refletir sobre o papel fundamental da educação na sustentação das sociedades democráticas. Ao reforçar valores como a liberdade, a igualdade de oportunidades, a participação social e o respeito pela diversidade, a educação é um pilar essencial para a promoção da cidadania e do desenvolvimento integral. O evento aborda questões como o papel da escola na construção da democracia, o desenvolvimento do pensamento crítico e a valorização da diversidade e dos direitos humanos. Propõe ainda um debate alargado sobre os desafios da educação nas sociedades democráticas. Este evento procura explorar a forma como a educação pode contribuir para a igualdade, a solidariedade e a paz, incentivando práticas de alinhamento.



## Colores de México

A exposição Colores de México, de 4 de dezembro a 8 de janeiro no Auditório Lagoa Henriques (FBAUL), celebra a riqueza da arte popular mexicana, marcada por influências indígenas, coloniais e mestiças, e pelo uso de cores vibrantes e temas culturais. A exposição apresenta fotografias e exemplos físicos de quatro peças emblemáticas da arte popular mexicana - os alebrijes, criaturas que simbolizam a criatividade; a talavera poblana, cerâmica tradicional de Puebla; a árvore da vida, uma representação da ligação entre o homem e a essência da existência; e La Catrina, a figura da criada por José Guadalupe Posada, que reflecte a visão mexicana da morte.

Aqui podes encontrar eventos como concertos, congressos e colóquios de interesse académico, bem como eventos de natureza intelectual e com impacto social. Podes encontrar mais informações sobre os mesmos na secção «Agenda» dos sites da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Letras.



## Archaeology Stinks?

No dia 11 de dezembro de 2024, às 17h, na Sala B112.C (Biblioteca) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Rose Malik, doutoranda em Arqueologia na Universidade de Durham, apresentará a palestra "Archaeology Stinks? Finding ancient olfactory molecular evidence in archaeological material remains using Headspace analysis". O evento explora uma abordagem inovadora na arqueologia, centrada na recuperação e estudo de cheiros antigos, ampliando o foco para as dimensões sensoriais da experiência humana no passado. A entrada é livre.

## InShadow – Lisbon Screendance Festival

A exposição fotográfica *Discernible Beauty*, de Sam Asaert, explora a relação entre o corpo feminino, as artes performativas e a comunicação visual capitalista, através de referências à iconografia religiosa, pintura clássica e publicidade. Utilizando técnicas de fotografia comercial, a série questiona os padrões estéticos impostos.

Na instalação de vídeo-dança *InShadow*, diversos artistas unem dança, *performance* e cinema, propondo uma reflexão cine-coreográfica com foco em inovação, tecnologia e diálogo intercultural.

Local: Faculdade de Belas-Artes da ULisboa



## Luzes, Gente, Logo...Sombras!

A exposição de José Amado Martins mergulha na relação entre luz e sombra, retratando figuras que cruzam ruas e espaços urbanos. A luz, mais do que um elemento visual, torna-se símbolo e narrativa, revelando formas e contornos. Já as sombras, silenciosas e enigmáticas, desafiam a percepção e refletem a transitoriedade da vida, simbolizando o peso do desconhecido que carregamos, mesmo quando estamos iluminados.

## Não Vale a Pena Reler-te

Autoria: Ricardo Boura  
Edição: Ricardo Cerdeira  
Ilustração: Nobre Bastos

Um livro novo comprou-me,  
exibia uma capa linda de morrer.  
Tinha uma sinopse tão interessante,  
só queria chegar a casa e ler.

Abro o livro e deparo-me com amor,  
nada mais!  
Só amor e uma vontade de concretizar.  
Páginas repletas de palavras e ilustrações  
tão lindas que fizeram me apaixonar por ele.

Ao mergulhar mais fundo no enredo surgem problemas,  
indecisão escondida por olhares!  
Sentimentos vagos passados por verdades!

Mas não importava!  
Amava aquele livro e  
só queria lê-lo eternamente,

mas ele não queria ser lido...

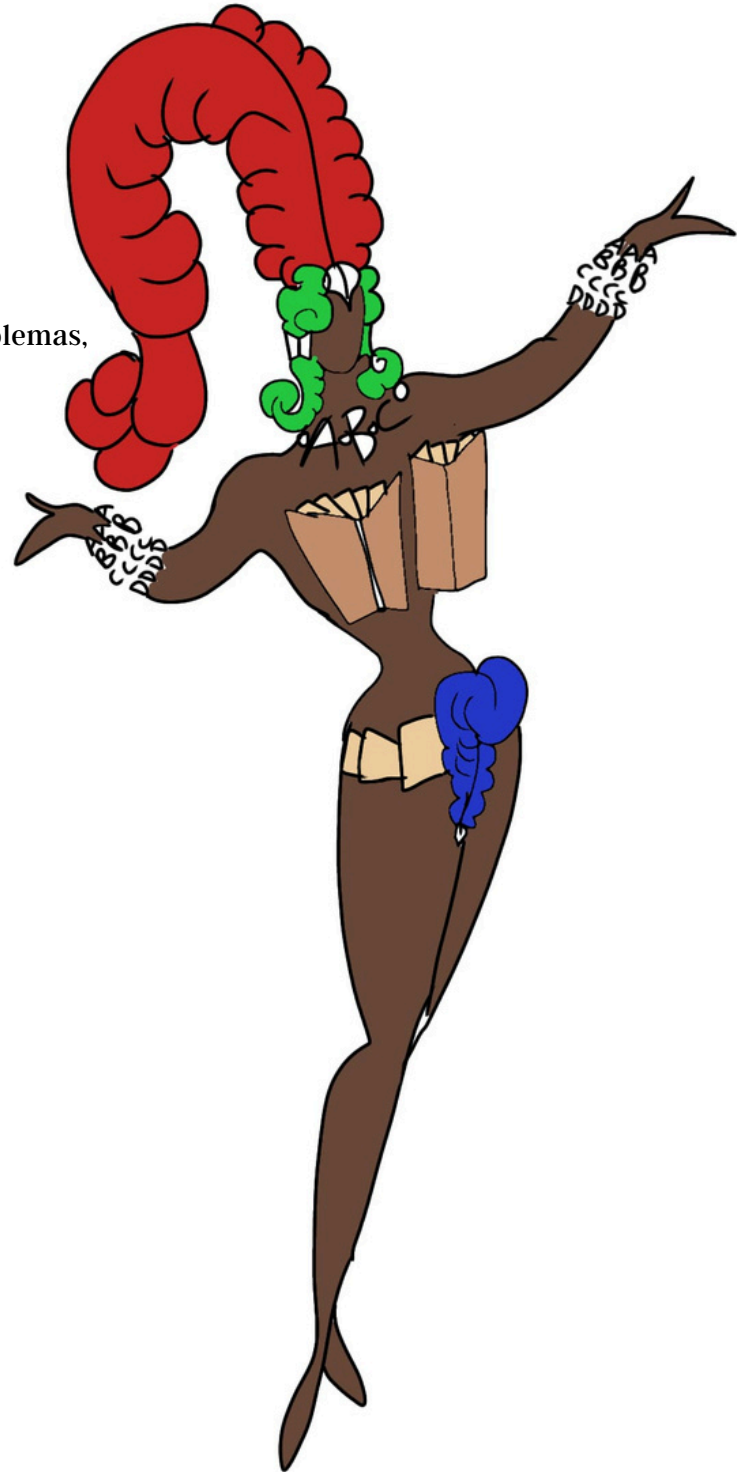
Chego ao final.  
Era mais curto do que pensava.

O último capítulo foi marcado por mágoa.  
As palavras já não significavam o mesmo e  
eram ditas com desdém e  
sem sentimento nem intenção.

Livro tão marcante deixou-me sem coração.

E, ao acabá-lo, percebo que  
não vale mais a pena lê-lo.  
Este livro terá sempre a mesma conclusão!

Serás tu a dizer que me amas,  
mesmo eu sabendo que não.



## Indecisão

Autoria: Ricardo Boura  
Edição: Ricardo Cerdeira  
Ilustração: Nobre Bastos

Talvez contigo tenha vivido genuíno amor,  
talvez contigo tenha experienciado verdadeira dor  
e que voltes tenho eu pavor,  
pois deixaste a tela da minha vida sem cor.

Deitar tudo a perder por amor é uma coisa linda de se ver,  
isto é, p'ra quem não sabe o que está a dizer,  
pois o amor é um sentimento terrível de se viver.  
No final das contas, acaba sempre por morrer  
e os românticos limitam-se a sofrer.

De mão aberta te entreguei a minha paixão.  
A história que criámos foi bem vivida,  
mas pelos vistos era só uma ilusão.  
Apenas adiava a tua partida...

E após tudo me pergunto: o que é o amor?  
Será uma conexão? Um sentimento tão forte que faz bater o coração?

Talvez não...

Será um desejo? Uma vontade constante provocada por um beijo?

Não sei.

Do amor falei; de nós falei.  
Ingenuidade minha que amei  
tal figura que nunca amou ninguém.



## Reminiscências Dela

Autoria: Carson  
Tradução: Lúcia Ferreira Pereira

Sento-me no banco — é onde tenho vindo todos os dias desde que as notícias sobre o falecer dela chegaram até mim. A sua superfície, outrora tão macia e branca como o sal do Mar Egeu, está agora usada, áspera e suja em alguns lugares. Alterno entre estudar o lugar dela do banco e estudar as oliveiras, notando os seus troncos, agora desgastados pelo passar dos séculos, até aos casais que se sentam atrás deles, cada um no seu banco. Finalmente, levanto-me e recolho algumas flores e depois, sentando-me, começo o meu trabalho. Tinha desenvolvido o hábito de tecer guirlandas de plantas em criança, e, com o passar do tempo, conseguia fazê-lo mesmo sem pensar no que estava a fazer. Ela adorava observar-me a trabalhar, a ver os meus dedos entrelaçando rapidamente o que florescia das estações do ano — sendo as suas favoritas as violetas e as rosas que chegavam na primavera — tendo até escrito sobre isso na sua poesia. Por vezes, ela iria mesmo comparar-me com Aracne — a mulher transformada numa aranha por Atena por nada para além do seu puro talento — e, pelo medo que tinha dos deuses, eu depressa lhe dizia “shhh” entre risos. Os mesmos deuses que eu costumava temer são agora aqueles que amaldiçoam por ma levarem tão cedo. Mas eu nunca tentei realmente pará-la de dizer aquele tipo de coisas, sentindo que o simples som do seu riso valeria mais do que qualquer castigo divino que viesse a meu caminho. Que tolice a minha, não ter considerado que o pior castigo de todos seria o roubo da presença dela, do som da voz dela.

Eventualmente, Alekos chega, tirando-me do meu transe ao sentar-se ao meu lado, no velho lugar dela. Eu pedi-lhe que viesse porque eu sabia que podia confiar nele, talvez pelo meu presentimento de que ele é igual a mim.

Eu pergunto-me se é porque quero confessar, ou simplesmente porque quero falar sobre aquilo — sobre ela — com alguém. Eu gosto de pensar que é a minha última ação de amor por ela: não me esconder mais. Ela teria sido feliz, ela teria ficado orgulhosa. Mesmo assim, não tenho a certeza do que dizer, ou como dizê-lo, mas decido começar a falar na mesma.

Foi aqui que nós nos conhecemos, eu e ela quero dizer. Ela costumava vir aqui todos os dias para escrever, e eu para tecer. De alguma forma, só nos conhecemos meses depois de ambos começarmos a vir a este jardim, quando nos sentámos no mesmo banco, este banco em que nos encontramos agora.

Pauso para ver a reação dele, mas ele está apenas a olhar para mim, ouvindo atentamente. Levo isso como um sinal para eu continuar:

— Ela perguntou-me o que estava eu a tecer, e eu não consegui responder-lhe diretamente. Acho que foi porque ela foi a primeira pessoa a prestar qualquer atenção ao que eu fazia e a estar interessada no meu trabalho. Essa foi umas das razões porque me apaixonei por ela: prestava sempre atenção aos outros, ela fazia sempre os outros sentirem-se vistos e importantes. Eu perguntei-lhe o que estava a escrever, e ela mostrou-me, dizendo-me que era uma poetisa. Eu devia ter uma expressão de entusiasmo enquanto lia o seu poema, porque, quando finalmente levantei o olhar, ela estava a rir-se — olho para baixo vendo a guirlanda tecida de flores descansando no meu colo, agora acabada, e sorrindo devido à memória. — Depois disso, nós encontrávamos-nos neste mesmo lugar todos os dias, e depois começámos a visitar outros sítios na ilha: os mercados, as livrarias, o mar.

Ela mostrou-me poemas dela, muitos que eram sobre mim. Ela fez-me sentir amada. Paro por um momento para organizar os meus pensamentos. Depois, sem coragem para o dizer mais alto, eu digo:

— Mas o trabalho dela foi queimado, deixando apenas fragmentos. Penso que ambos sabíamos que isto ia acabar por acontecer, era demasiado audaz para eles, para esta época. Não acho que alguma vez vi alguém tão devastado na minha vida, mas, não obstante, ela continuou a trabalhar —, suspiro, arrependendo-me de não ter sido mais como ela, alguém corajoso o suficiente para o mostrar, para estar completamente presente no momento, para não se esconder. Essa era uma das coisas que admirava nela: a sua perseverança, a sua ausência de qualquer medo. Como podia alguém ser tão corajoso e direto, e ao mesmo tempo tão gentil? Quem me dera poder perguntar-lhe. Talvez ela me tivesse ensinado. Talvez ela se tivesse rido. Depois, continuo: — Às vezes tenho o sentimento de que, agora que ela partiu, as pessoas entendem-no menos. Elas entendem-nos menos... Continuam a dizer-me que preciso de continuar com a minha vida, como se ela nunca tivesse sequer existido, censurando a minha reação a tudo o que aconteceu. Mas como podia eu dizer-lhes que, mesmo perante a morte, todas as células, todas as moléculas do meu próprio ser chamam por ela ainda?

— Eles dizem que ela morreu por vontade própria, mas eu devia saber pensar em discordância —, faço uma pausa, acalmando os meus pensamentos. O sol põe-se, dando à calçada uma cor amarelada. Eu olho para lá dos casais (a maioria deles já foram embora) e para o fresco no outro lado do jardim, admirando a sua beleza, mesmo agora na sua decadência, descascado, incolor e desaparecendo devagar, devagar... Depois, saindo do meu transe, continuo: — Ou então talvez ela o tenha feito, mas pelo menos essa não seria toda a verdade.

— Então o que pensas tu que aconteceu?

— O que acontece sempre —, eu digo, olhando para ele. Surpreendentemente, ele entende o que quero dizer. Sinto gratidão por ele. Não acho que seria capaz de o dizer em voz alta, mesmo depois deste tempo todo. Penso que sempre soube que algo assim iria acontecer, que o trabalho dela pudesse levar a que algo assim acontecesse, que o trabalho dela pudesse levar a isto, mas não conseguia, não iria, fazer com que ela parasse de fazer o

que amava. Eu só não pensei que fosse acontecer tão cedo.

Ele não fala durante algum tempo, e eu também não, aquecendo-nos no silêncio. É confortável, é seguro. Eu pergunto-me o que estará ele a pensar, mas decido esperar que seja ele a falar primeiro. De repente, ele tosse levemente e, suavemente, mas ainda sem olhar para mim, começa:

— Acho que sempre soube... ou pelo menos suspeitava —, diz ele. Estranhamente, isto não me afeta, agora já não. Passado um bocado, ele olha para cima dos seus pés para a minha cara, só agora notando a sua tez clara e feições pesadas, a prova da passagem do tempo ou algo mais profundo, a minha inconcebível perda talvez, ele não consegue decodificar. Interrompendo o silêncio, ele pergunta:

— Sabes, nunca chegaste a dizer-me o verdadeiro nome dela.

Eu pauso. Finalmente, olhando para ele com um sorriso e uma nova leveza, semelhante à que sentia quando estava com ela, eu sussurro:

— Σαπφώ Sapphō, o nome dela era Safo.

## 1.º Encontro de Saúde Mental e Bem-Estar

A Universidade de Lisboa realizou o 1.º Encontro de Saúde Mental e Bem-Estar a 14 de novembro de 2024, lançando o Programa para a Promoção da Saúde Mental no Ensino Superior. No evento, na Reitoria da ULisboa, aberto pelo Reitor Luís Ferreira, participaram especialistas e líderes académicos em palestras e mesas redondas, com a presença de Ana Lóio (Presidente do Conselho Pedagógico da Faculdade de Letras). Na mesa redonda final, moderada por Filipa Santos (Presidente da ANEP), líderes estudantis partilharam perspetivas sobre o bem-estar universitário. O evento lançou uma plataforma de recursos para saúde mental disponível em [saudebemestar.ulisboa.pt](http://saudebemestar.ulisboa.pt).



# A Mudança na Perceção do Tempo, Uma Recensão Crítica

Autoria: Mariana Monteiro  
Edição: Catarina Casal

Este texto foi escrito no âmbito da cadeira de Cultura Renascentista e achei interessante partilhá-lo com o público d'O Cola. Esta é uma recensão crítica do artigo *Dating History: The Renaissance & the Reformation of Chronology*, da autoria de Anthony Grafton, publicado na revista *Daedalus*, na edição de primavera, volume 132, número 2, correspondente às páginas 74 a 85, publicado pela MIT Press em nome da Academia Americana das Artes e Ciências.

No seu artigo, o autor foca a sua atenção nas diferentes formas de perceção e compreensão do tempo ao longo dos séculos, traçando, para esse efeito, a história da cronologia. Através de um texto em que o conteúdo e a forma estão em sintonia, uma vez que o texto é, em si, uma linha cronológica, o autor constrói o seu argumento de forma a que o leitor tenha uma visão clara da perceção temporal e cronológica que os diferentes povos foram adotando no tempo e no espaço. Ao longo do texto, o autor compara os “dois olhos da história”, como Jean Bodin e muitos outros pensadores renascentistas consideravam a geografia e a cronologia. Ao estabelecer consistentemente uma comparação entre o espaço, através do estudo da geografia, e o tempo, através do estudo da cronologia, o autor parte de uma premissa consensual para a sua proposta – no Renascimento, houve descobertas geográficas que a cultura europeia nunca antes tinha testemunhado. Não foi só a perceção do espaço que se transformou radicalmente, mas também a compreensão do tempo. De facto, ao começar o seu texto pela referência aos descobrimentos marítimos da época renascentista, o autor desenvolve os seus argumentos tomando por base um dos maiores pilares desse período: houve um imenso progresso no

conhecimento geográfico e na forma como se encarava o desconhecido. O autor completa esta referência geográfica ao mencionar os descobrimentos de Diogo Cão, acrescentando uma referência cronológica e mencionando a forma como ele e os seus homens decidiram datar o monumento erguido em comemoração ao seu feito. De seguida, o autor estabelece que a medida que os Homens renascentistas faziam do tempo e a forma como datavam os acontecimentos era bastante tradicional (embora seguisse a forma clássica, como é regra nesta época), antiquada e contrastante com as inovações científicas e descobertas geográficas. Anthony Grafton usa as descobertas geográficas para justificar a necessidade de evolução da cronologia enquanto disciplina, evocando, para isso, a grande referência cronológica da altura – a Bíblia. Quando chegou ao conhecimento europeu de que havia mais terras e povos do que aqueles descritos na Bíblia, a sua credibilidade enquanto entidade geográfica e cronológica inquestionável foi posta à prova. Foi necessário encontrar outras referências que clarificassem a ordem geográfica e cronológica do mundo que a Bíblia falhava a clarificar. Para isso, no caso da cronologia, e como já fora feito na Antiguidade Clássica, os estudiosos recorreram a um cruzamento multidisciplinar (fazendo uso de disciplinas como a astronomia) de modo a organizarem cronologicamente os eventos do mundo de forma mais completa. É aqui que Grafton passa a traçar a história da cronologia e que é visível um dos aspetos mais curiosos do texto: a organização e estrutura que ele determina é, em si, um género de linha cronológica, demonstrando a importância da cronologia e da visão do

tempo ao longo dos séculos. O autor parte da idade renascentista, com a invenção dos relógios, e de como isso conferiu à passagem do tempo uma sensação mais real, presente e paradoxalmente palpável (ao invés de o tempo passar em séculos ou em décadas, passava em minutos), e vai até à época de Roma e da Grécia antiga. Assim, este termina o texto num género de círculo, fazendo referência a como Joseph Justus Scaliger, um dos pensadores mais importantes do Renascimento (responsável por revolucionar a cronologia enquanto disciplina, sistematizando-a), baseou o seu estudo na interpretação do trabalho de Eusébio de Cesareia, considerado o pai da história da Igreja (embora muitos considerem que, ao tentar compreender o seu trabalho, Scaliger o tenha arruinado), que viveu durante um período tardio da Roma Antiga. É, também, importante compreender o que os antigos tomavam por cronologia e porque é que consideravam que o seu estudo tinha importância. O autor contextualiza a importância que os antigos conferiam à cronologia como muito diferente da que hoje lhe atribuímos, referindo que os estudiosos mais modernos não compreendem como pôde um estudioso tão brilhante como Scaliger dedicar o seu tempo a uma disciplina hoje considerada tão irrelevante, talvez por nos ser tão acessível. Anthony Grafton não deixa de comentar isto, afirmando que, hoje, quando procuramos a data de um evento, não temos qualquer preocupação em saber como foi obtida a informação. No entanto, os povos nossos antecessores consideravam a cronologia um assunto sério: por razões de cariz religioso, povos como os romanos, desde a altura de Júlio César e Augusto, acreditavam que, ao traçar corretamente a linha cronológica dos eventos, conseguiriam prever quando iria o Império cair, olhando para o passado como uma forma de conseguir traçar o futuro.

No entanto, podemos levantar várias questões sobre a autenticidade deste passado, uma vez que a cronologia foi usada como arma política e de revisionismo histórico: naturalmente, e como o texto refere, a cronologia não foi encarada como algo estanque ou plano, permitindo várias interpretações, de acordo com a religião, nacionalidade, por motivos mais ou menos pessoais. Ao longo do texto, temos vários relatos deste género de adulteração, como é o caso de quando, já na Idade Renascentista, se tentou forjar provas de que o Papa Alexandre VI ou o Imperador Maximiliano I conseguiam traçar a sua árvore genealógica até aos imperadores do antigo Egipto, ou de como autores romanos ordenavam os eventos de forma a que se mostrasse que o domínio romano estava no plano divino, muitas vezes reiterando as afirmações enquanto os acontecimentos estavam a tomar lugar, esperando pelo sucesso dos seus governantes em determinadas batalhas antes de lhes poder aclamar a vitória no plano divino. Em suma, o autor serviu-se de um pilar basilar do Renascimento para nos levar à sua proposta de que esta época não serviu apenas para mudar radicalmente a forma como os nossos antecessores pensavam o espaço, mas também o tempo, tomando-o por algo muito mais presente, e servindo-se de fontes mais variadas, como a Astronomia, para colmatar falhas que a Bíblia, autoridade cronológica até então, não conseguiu suprir. Num texto construído para que o conteúdo e a forma se unissem, o autor compôs uma linha cronológica, mostrando como, no Renascimento, toda a organização do mundo, fosse ela geográfica ou cronológica, observou uma mudança radical que ainda hoje é visível.

## 5 Dias de Distância

Autoria: Margarida Henriques Martins

Edição: Maria Rodrigues

Ilustração: Vasco Lacerda



Tudo o que sinto, sinto avassaladoramente e de outra forma não ser poderia, somente assim verdadeiramente verdade é.

Contigo, eu, natural de ambiguidade, encontro exatidão, consenso e plenitude no caos da nossa turbulência.

Aceitar que a única exatidão é o abstrato do amor.

Só acredito em nós pela nossa incompatibilidade compatível e a compatibilidade incompatível.

O teu cigarro, o meu isqueiro.

Enraivece-me saber que o nosso caminho foi cortado a frio, a mente, e não pelo calor do coração. Avidamente procuro e sei que poderíamos tudo ter sido ou ser ainda?

O teu medo que recolher-te faz e o meu mergulhar sem ver as rochas do Cabo da Boa Esperança, que nunca conseguimos ultrapassar. És a maldição de sete anos da qual sonho me livrar, mas da qual não me quero soltar. Todavia, por vezes, o aperto que sinto depois do tal fim faz-me lembrar que o aperto é mais forte do que o que alguma vez chegámos a ter. Escapaste-me pelos dedos quando nenhum de nós o queria.

Teremos remendo? Fomos rasgados ou descosidos da artéria que liga os nossos corações?

## A Baleia

Autoria: Alexandra Guçu  
Edição: Lourenço Ramos  
Ilustração: Vasco Lacerda

Ontem sonhei com uma baleia. Encontrava-me em mar aberto, não muito longe de uma praia de areias brancas. Sentada numa prancha, sem ver a areia aos meus pés, estava rodeada pelo mar. Não muito longe de mim avistei uma baleia, não muito grande, nem tão pequena. Parecia vir ao meu encontro. Não estava completamente sozinha. Aquele ser grandioso aproximava-se lentamente de mim. Pus-me a pensar se alguma vez tive razões para temer a grande baleia. O ser colossal deste mundo. Recordo-me de a ver em filmes. Talvez o que mais temia eram os seus dentes finos e afiados. Um ser compreendido e avaliado pelo seu tamanho.

Ainda assim, sentia-me serena. Entendi o animal como uma espécie de obstáculo que, contudo, não me iria atacar. Um animal sublime cuja grandiosidade era incapaz de menosprezar. Embora de medo não se tratasse, apoderou-se de mim o pânico. Afinal, como poderia eu saber o que iria acontecer?

Decidi, por impulso, aprofundar-me na água. Algo em mim, ou algum furor biológico, obrigava-me a mergulhar, a aproximar-me sensorialmente daquele deus marinho, a ouvir as suas vocalizações, a ouvi-las chamar por alguém, avisar alguém, talvez até chamar por mim! Embora eu estivesse ali, sozinha, rodeada pelo animal, a sua voz envolvia-me com uma calma total. Permiti-me ser levada pela força do oceano, em posição fetal, como se de lá tivesse vindo, e lá permanecesse e ficasse até ao meu último suspiro. Naquele instante, aquele lugar era meu, e era ali que eu pertencia. Uma vida inteira em busca de um lugar só meu, um lugar onde me encontrasse, e foi ali, junto daquela baleia, que me encontrei, que encontrei o mundo.

A baleia aparentava dizer-me, com os seus gritos graves e quentes, naquele frio mar, que me protegia. Deixei que a baleia me envolvesse como se de um terno abraço se tratasse; ela rodeava-me, rodopiava-me, e eu respirava as mesmas partículas que ela. Eu e ela éramos como um só. Naquele momento, era como se tudo na vida fosse possível, e todos os meus instintos primitivos estivessem certos, e todos os obstáculos fossem ultrapassáveis. A baleia foi tudo aquilo de que eu precisava: calor no lugar mais frio, direção numa estrada de inúmeras saídas, ar totalmente envolvido nos meus pulmões. Naquele momento, finalmente pude respirar. Naquele lugar, finalmente encontrei-me. Desde então, deixo que a baleia me guie, eu confio nela e ela confia em mim. Naquele momento, finalmente encontrei a minha direção.



## Escrevedoer

Autoria: Gabriel Vukio Goto  
Edição: Nuno Brandão

— Tu escreves?  
— Sim — respondo, um pouco sem jeito.  
Há um bom tempo que sou menos poeta do que homem  
E cada vez mais um homem cujos sonhos se confundem.  
Não penso mais em escrever como respirava antes,  
Por mais que seja tudo que saiba fazer. Há muita frustração...  
Como quando se respira e dói o peito...  
Hoje, escrever, para mim, é respirar e doer o peito.

Essa dor que me atrofia os dedos e enevoa a mente,  
Não há mais nada em que pense ou que precise dizer...  
Mesmo assim, ainda escrevo uma bobagem ou outra.  
Um rato treinado para os mesmos truques!  
A mariposa que segue suicida para a luz!  
Escrevo, mas a que custo? Com qual propósito?  
Na esperança de que a dor no peito cesse um dia.

No quarto escuro, a janela aberta deixa que a luz o invada.  
Desperto com a ânsia de escrever, finalizar poemas,  
Registrar pesadelos, montar roteiros a serem abandonados!  
Escrever é me doer o peito e, com tamanha dor a mutilar  
Verso por verso a minha alma castigada, tenho de acreditar  
Que o que me envenena também me cura.  
Só é louco quem procura a própria loucura.

### Cientistas da FCUL descobrem nova forma de transformar CO<sub>2</sub> em CO

O departamento de Química e Bioquímica da FCUL, em parceria com instituições nacionais e internacionais, como a FCT NOVA, descobriram uma molécula inovadora capaz de transformar dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) em monóxido de carbono (CO) e água, utilizando luz solar como fonte de energia. A pesquisa, publicada na *Inorganic Chemistry*, mostra o potencial do composto de rênio (Re(I)) ativado pela trietanolamina para conversões sustentáveis, reduzindo a pegada de carbono industrial e possibilitando a produção de combustíveis e produtos químicos de forma limpa. O próximo passo é adaptar o processo para indústrias, visando reduzir as emissões de carbono e ajudar na transição para uma economia mais verde.

Fonte: FCUL

# SEGUE O COLA NAS REDES SOCIAIS

Acompanha o teu jornal nas redes sociais para estares a par das nossas atividades! Estamos no *Instagram*, *X* e *Facebook*.



# ACOMPANHA O NOSSO SITE

Gostavas de aceder às nossas publicações semanais e edições em formato digital? Acede ao nosso *site* através no *linktree* no nosso *Instagram* ou em [www.jornalocola.com](http://www.jornalocola.com)

# PARTICIPA NAS PRÓXIMAS EDIÇÕES

O jornal *O Cola* é um projeto de Letras para Letras. Neste sentido, temos todo o gosto em que faças parte dele! Se queres ver os teus artigos publicados ou ilustrar a próxima edição, lê os nossos Termos de Submissão (disponíveis no nosso *site*) e envia para [jornalocola@gmail.com](mailto:jornalocola@gmail.com)



*Associação de Estudantes / FLUL*  
*@aeflul*  
*www.aeflul.pt*

***Queres saber mais sobre O Cola? Consulta as nossas redes!***

 *@jornalocola*

 *@jornalocola*

 *jornalocola@gmail.com*

***WWW.JORNALOCOLA.COM***